



## NOVAS NARRATIVAS SOBRE TRABALHO DOMÉSTICO NOS CASARÕES: VISIBILIDADE E RESISTÊNCIA

SIMONE FERNANDES MATHIAS<sup>1</sup>; MARTHA RODRIGUES FERREIRA<sup>2</sup>; MAYSA  
LUANA SILVA<sup>3</sup>; LOUISE PRADO ALFONSO<sup>4</sup>; FLÁVIA MARIA SILVA RIETH<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [simonefernandezpel@gmail.com](mailto:simonefernandezpel@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [martharof@hotmail.com](mailto:martharof@hotmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [maysaluana93@gmail.com](mailto:maysaluana93@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas- [louise\\_alfonso@yahoo.com.br](mailto:louise_alfonso@yahoo.com.br)

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas - [riethuf@uol.com.br](mailto:riethuf@uol.com.br)

### 1. APRESENTAÇÃO

Este texto traz algumas reflexões propiciadas pela observação participante realizada durante a exposição “Margens: Diferentes formas de habitar Pelotas” elaborada a partir dos resultados do projeto de pesquisa “Margens: Grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas”, em parceria com o projeto de extensão “Trabalho Doméstico, entre o passado e presente: Direitos e Cuidados da Atualidade” ambos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR). Os processos participativos do projeto de extensão acontecem desde o ano de 2014, naquele momento vinculado ao Museu de Antropologia e Arqueologia da UFPEL (MUARAN).

A exposição ocorreu em um dos Casarões da Praça Coronel Pedro Osório, Casarão 2, onde localiza-se a Secretaria de Cultura de Pelotas (Secult), nos dias 18,19 e 20 de Agosto, durante a comemoração do Dia do Patrimônio. A proposta do módulo “O Trabalho Doméstico entre o passado e o presente: Direitos e Cuidados na Atualidade” foi apresentar e dialogar com as(os) visitantes sobre o trabalho doméstico e as lutas dessas(es) trabalhadoras(es), grupo que comumente não é representado nas instituições culturais tradicionais.

Recentemente, trabalhadoras(es) domésticas(os) vem sofrendo ameaças de retirada de seus direitos, frente a reforma trabalhista, lei 13.467, sancionada em 14/07/2017. Ou seja, direitos que foram gradualmente conquistados, sobretudo, a PEC das domésticas, agora, posta sob risco. Dessa forma, a exposição buscou evidenciar questões deste atual contexto, concomitantemente à articulação com o passado escravocrata, evidenciando as marcas permanentes na caracterização do trabalho doméstico na cidade de Pelotas.

Cabe aqui ressaltar a importância do projeto de extensão que a partir de anos de trabalho em conjunto com as(os) trabalhadoras(es) identificou as demandas por visibilidade deste grupo. Por meio desta exposição, foi possível levar o tema domésticas(os), para dentro de um casarão, onde a anos atrás a mão de obra escrava foi utilizada sem qualquer reconhecimento, inclusive em narrativas oficiais nega-se a presença de pessoas escravizadas nestas casas. Os mencionados projetos de pesquisa e extensão tem proporcionado tanto para as equipes, quanto para as trabalhadoras, uma reflexão sobre seus saberes e fazeres entre o passado e o presente.



Apesar do notável avanço das leis, o trabalho doméstico continua sendo um trabalho informal. Excluídas da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas). Foi só a partir de 1972 que as trabalhadoras começaram a ter direito a carteira de trabalho, ingressando no campo da previdência social, obtendo finalmente o reconhecimento do Estado, como trabalho (MORI et al. 2011).

Discutir o trabalho doméstico no cenário atual, é de suma importância para analisarmos de que forma, mesmo com a recente PEC das domésticas, sancionada em 2015, trabalhadoras ainda enfrentam dificuldades não somente em relação a aplicabilidade das leis mas também são duplamente invisibilizadas em espaços de prestígio social para a cidade.

## 2. DESENVOLVIMENTO

Nessa exposição contamos com diversos objetos que foram destacados pelas(os) domésticas(os) durante algumas oficinas que se realizaram em 2014, 2015 e 2016. Objetos que são usados por essas trabalhadoras(os) no dia a dia como baldes, bacias, luvas, produtos de limpeza, esponjas, panos e vassoura foram distribuídos no entorno dos banners, de forma que ficassem visíveis para as (os) visitantes (RODRIGUES et al. 2016).

Também foi apresentada uma carteira de trabalho em um formato maior, para uma melhor visibilidade e impacto ressaltando a importância desta na legitimação deste trabalho, as pessoas que passavam pelo módulo podiam interagir, tocando e olhando a carteira, que continha panfletos sobre os direitos das(os) trabalhadoras(es) domésticas(os), com uma cartilha da previdência social falando sobre os benefícios de todos os cidadãos.

Somado aos objetos, a exposição contou com dois banners, sendo um deles com a logomarca do Projeto de extensão já mencionado e adesivos de carteiras de trabalho, onde foram colados papéis com narrativas de trabalhadoras(es) e ex-trabalhadoras(es) que visitaram o espaço deixando escritas suas opiniões, frases contando suas vivências, seus desabafos, suas lutas diárias e algumas até citando falas de patrões e patroas. O segundo banner, contava com uma breve narrativa sobre o andamento do projeto durante o ano de 2016, possuindo fotos das oficinas que ocorreram, com frases chaves usadas para uma melhor dinâmica durante a exposição.

## 3. RESULTADOS

O público da exposição foi formado por representantes do poder público de Pelotas, alunas (os) e professoras (es) de escolas públicas e privadas, sendo estas da cidade e de cidades do entorno, como Arroio Grande, turistas de diversas partes do Brasil e do exterior, mídia falada e escrita e comunidade de Pelotas. Fez-se possível dialogar com diversos grupos da comunidade, propiciando momentos de reflexão sobre a relação entre trabalhadoras (es) domésticas(os) e patrões e patroas, destacando, sobretudo, os preconceitos que envolvem essa categoria.



Durante a visita de alunas (os) da rede pública, questionou-se sobre o que seria o trabalho doméstico? Muitas (os) relataram que têm ligação com trabalhadoras(es) domésticas(os). Pudemos observar que crianças brancas afirmavam ter contato com trabalhadoras (es) domésticas (os) em suas casas, enquanto a maior parte das crianças que disseram ter alguém da família que atua nesta profissão era de descendência negra.

Recebemos também a presença das trabalhadoras(es), que identificaram-se com a exposição, interagindo com os objetos, que foi forte componente na exposição, pois muitas das pessoas que passavam pelo módulo, seguravam os objetos, narrando o uso no cotidiano de suas vidas (THOMAS, 2016), dialogando e questionando sobre os direitos e deveres que foram recentemente colocados sobre ameaça, ao que tange ainda mais a precarização e informalidade do trabalho doméstico. Também, como esta classe de trabalho é constantemente deixada de lado, tendo suas necessidades invisibilizadas em relação às outras profissões que são tidas como mais importantes.

Foi apresentada uma dinâmica de troca de vivências, onde se propôs que todas(os) que trabalham ou já trabalharam nesta profissão, deixassem bilhetes, com suas narrativas em anonimato. Várias trabalhadoras aceitaram a proposta e deixaram seus relatos. Abaixo citamos alguns:

*“Minha mãe ao passar ainda hoje pelo casarão se emociona e relembra, os móveis, o piano, cortinas, pátio, árvores... tudo isso de alguma maneira faz parte de sua vida!”. Outra deixou destacado: “Lembro de quando eu trabalhava, que era um trabalho de muita luta sem ser valorizado, muito triste ninguém da valor. Os tempos não mudaram.”*

Através de alguns relatos como os acima, é possível perceber a necessidade da continuidade de projetos e pesquisas de extensão relacionadas a esta categoria, promover a visibilidade, auxiliar e ampliar o debate público sobre temas como este, proporcionando um novo olhar para o trabalho doméstico.

Estigmas envolvendo esse trabalho são frutos de contextos escravistas, quando no pós-abolição leis regiam comportamentos e condutas ou seja a vida de pessoas sem direito à fala (COSTA,2013; RODRIGUES,2015).

#### 4. AVALIAÇÃO

Nos anos iniciais do projeto, em 2014 e 2015, foi elaborada uma primeira exposição que objetivava uma reflexão sobre a aprovação da lei de regulamentação do trabalho doméstico. Naquele momento os relatos de trabalhadoras(es) apresentavam uma perspectiva positiva: *“Hoje tá bom, no meu tempo não tinha isso, nem se tinha direitos”*. Enquanto, agora, no ano de 2017, monitoramos a exposição, diante de um retrocesso, sobretudo para a atuação sindical das(os) trabalhadoras(es) domésticas(os). Neste sentido, ressaltamos a importância da temática ser discutida nesse contexto de alteração de direitos trabalhistas. A carteira de trabalho exposta no módulo foi estratégica para pensarmos junto às (aos) visitantes da exposição, as consequências da reforma



trabalhista e reflexões sobre as heranças de um passado que, constantemente, evidenciamos no âmbito universitário.

As ações do projeto de extensão têm buscado aproximar a universidade e as(os) trabalhadoras(es) e valorizar suas vivências, neste caso a partir da citada exposição. Ao montar uma exposição abrangendo este tema dentro de um dos casarões, favorece a legitimação das histórias que não são reconhecidas pelas narrativas oficiais, diminuindo os estigmas da profissão. Sem esses diálogos propostos pelo projeto, seria impossível entender as percepções dessas(es) trabalhadoras(es).

Aqui, cabe a nós ressaltar, a resistência, como resposta a partir de práticas cotidianas dessas mulheres. Ações dentro dos casarões, exposições itinerantes sobre as temáticas, pensando conjuntamente a atuação sindical dessas mulheres na cidade de Pelotas nos mostra, através do pensando de Maria Lugones (2014), a ideia de que, a resistência não pode deixar de ser evidenciada nas pesquisas que abordam questões de raça, gênero e classe. Teorizar sobre resistência nos permite refletir sobre as ações deste projeto de extensão, direcionando nossas ações para as problemáticas do presente e as feridas consequentes do passado.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MATHIAS, S.F.; Trabalho Doméstico em Pelotas: Construindo ações participativas para visibilizar a profissão. In: **III CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**, Pelotas, 2016.

BRITES, J.; FONSECA, C. Cuidados profesionales en el espacio doméstico: algunas reflexiones desde Brasil - Diálogo entre J. Brites y C. Fonseca. **R. de C. Sociales**. Facultad Latinoam. de C. Sociales. n. 50, Quito, sep/2014, pp.163-174.

COSTA, Ana Paula do A. **Criados de servir: estratégias de sobrevivência na cidade do Rio Grande (1880 – 1894)**. Pelotas: UFPEL – Programa de Pós-Graduação em História (Dissertação de Mestrado), 2013.

RODRIGUES, Marta B.; RIETH, Flávia M. S.; ALFONSO, Louise, P. **Trabalhadoras domésticas em Pelotas: ações participativas fomentando debates para visibilizar a profissão - do passado escravista à atualidade**. UFPEl, 2016. (NO PRELO).

MORI, Natalia; BERNARDINO-COSTA, Joaze; FLEISCHER, Soraya. Trabalho doméstico: desafios para a igualdade e valorização. MORI, Natalia et.al. (org). **Tensões e experiências: um retrato das trabalhadoras domésticas de Brasília e Salvador**. Brasília: CFEMEA: MDG3 Fund, p. 15-33, 2011.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista de Estudos Feministas**, vol.22, n.3, p.935-952, 2014.